

O PROCESSO DE TRABALHO DA MARISCAGEM: CARACTERIZANDO A REALIDADE DE PORTO DO MATO – ESTÂNCIA/SE

RESUMO

A atividade da mariscagem é eminentemente feminina. Toma parte na cadeia produtiva da pesca; porém, obedece a condições e relações ainda mais precárias do que aquelas encontradas em outras especificações da pesca artesanal. O presente trabalho expõe algumas das condições de trabalho presentes na atividade da mariscagem, analisadas a partir da categoria marxista “processo de trabalho”. Os resultados encontrados, a partir de pesquisa empírica desenvolvida em Porto do Mato-Estância-SE, mostram as precárias condições de trabalho, a exposição exacerbada à exploração e às doenças ocupacionais, a intensa jornada de trabalho, a baixa remuneração, e, conseqüentemente, as péssimas condições de vida.

Palavras - chave: Processo de Trabalho, Marisqueiras, condições de trabalho.

ABSTRACT

The activity of the shellfish is predominantly female. Take part in the production chain of fishing, but obeys the conditions and relationships even more precarious than those found in other specifications of fishing. This paper exposes some of the work conditions in the activity of the shellfish analyzed from the perspective of Marxist “work process”. The findings from empirical research developed in Porto do Mato-Resort-SE, showing the poor conditions of work, the heightened exposure to exploration and occupational diseases, the intense workload, low pay, and therefore the appalling living conditions.

Key - words: Process Work, Seafood, working conditions.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho expõe a primeira aproximação aos dados de pesquisa realizada sobre a vida e o trabalho das marisqueiras de Porto do Mato, comunidade costeira do município de Estância, no estado de Sergipe. A pesquisa integra as diversas ações do Programa de Educação Ambiental com Comunidades Costeiras – PEAC¹.

Uma das ações em vigor no interior do PEAC é o “Projeto de Pesquisa e Desenvolvimento Social junto às Comunidades Costeiras Abrangidas pelo PEAC”, fruto de

¹ PEAC é o programa criado para atender as condicionantes específicas do IBAMA em educação ambiental, mitigando e compensando os impactos ambientais sobre as comunidades da área de abrangência dos empreendimentos marítimos da Petrobras – Unidade de Operações de Exploração e Produção de Sergipe e Alagoas (UO-SEAL).

um convênio firmado entre o Setor de Segurança, Meio Ambiente e Saúde – SMS da Petrobras em Aracaju e o Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Sergipe, através da FAPESE. O projeto tem o propósito de contribuir para o fortalecimento de sujeitos coletivos das comunidades abrangidas pelo Programa, com vistas à tomada de decisões referentes à definição das prioridades e estratégias de implementação das ações compensatórias e mitigadoras no âmbito do PEAC.

A pesquisa com as marisqueiras vem sendo realizada sob esta perspectiva e faz parte do conjunto de iniciativas direcionadas à sedimentação do controle social no PEAC.

Destacamos que os dados detalhados neste texto dizem respeito ao processo de trabalho das marisqueiras moradoras da comunidade Porto do Mato², obtidos através de diálogos estabelecidos com 60 marisqueiras³, e foram baseados em roteiro para o diário de campo e observações realizadas, bem como pela aplicação de formulário de pesquisa.

Os dados nos dizem que estas trabalhadoras não reconhecem alternativas coletivas para superação de seus problemas comuns e não visualizam estratégias possíveis para o enfrentamento da realidade em que se encontram. Há um “clima” de conformismo no tocante às péssimas condições de vida e trabalho a que estão expostas: as marisqueiras estão submetidas a um tipo de trabalho exaustivo, em condições absolutamente precarizadas e insalubres, jornada de trabalho indefinida, e acumulam o trato com os mariscos ao trabalho doméstico, envolvendo membros da família nas atividades que desempenham. A discrepância entre o tempo de trabalho que dedicam à mariscagem e o valor pago por seu trabalho é assustadora.

Os dados que seguem, muito embora se trate de uma primeira aproximação, ilustram essa realidade.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1- Processo de Trabalho e as Marisqueiras de Porto do Mato

² A comunidade Porto do Mato localiza-se na região Centro-Sul do estado de Sergipe, a 130 Km da capital. Faz parte de uma Área de Proteção Ambiental (APA) na qual a presença dos manguezais é bastante acentuada. O turismo é uma de suas potencialidades, pois está às margens do estuário dos rios Piauí e Real. Segundo consulta feita às agentes de saúde da localidade, Porto do Mato conta com 346 famílias residentes na comunidade. Não obstante, é notória a presença de casas de veraneio, principalmente às margens da avenida principal do lugar. Segundo relato de moradores, a principal atividade econômica do povoado é, de fato, a pesca, seja de peixe ou de mariscos. Para esta última, o aratu e o caranguejo são as espécies mais capturadas. A agricultura e a pecuária também aparecem para a subsistência de algumas famílias.

³ Esta pesquisa foi realizada também em duas outras comunidades na área de abrangência do PEAC. Para chegar ao quantitativo da amostragem da pesquisa em Porto do Mato foi necessário tomar como parâmetro o número de marisqueiras das demais comunidades pesquisadas, uma vez que não obtivemos resposta da Colônia de Pescadores de Estância sobre o número de marisqueiras cadastradas naquela localidade, ainda que esta solicitação tenha sido formalizada através de ofício pela Coordenação do Projeto. Nas demais localidades, tomado o universo de marisqueiras encontrado, retirou-se uma amostra de 30%, chegando ao número de 60 marisqueiras em cada região. Em Porto do Mato, por conseguinte, obedecemos ao mesmo número.

É no bojo das relações capitalistas que os processos de trabalhos se resignificam. No capitalismo, uma das principais características humanas, ela mesma fundante da sociabilidade, ou seja, a capacidade de transformar a natureza⁴ através do seu trabalho⁵, existente desde que o homem destacou-se de sua naturalidade e tornou-se ser social – permanece existindo, mas com cruciais diferenças. Já aqui, o processo de trabalho é, essencialmente, sob a batuta do capital, processo de produção de mercadorias para serem vendidas no mercado:

Como unidade do processo de trabalho e processo de formação de valor o processo de produção é processo de produção de mercadorias; como unidade do processo de trabalho e processo de valorização ele é processo de produção capitalista, forma capitalista de produzir mercadorias (MARX, 1983, p. 162).

Este imperativo impõe aos trabalhadores condições e um ritmo de trabalho que garantam a reprodução da sociedade e do capitalismo enquanto modo de produção: apropriação de mais valia, maximização do lucro no mercado, alienação dos trabalhadores frente ao seu processo de trabalho. Para tanto, os trabalhadores estão expostos a níveis de exploração cada vez maiores, expropriados do produto resultante do seu trabalho e das condições objetivas e políticas para a reversão deste quadro. Na atualidade, passada a vaga do pleno emprego posto no keynesianismo, a superexploração do trabalho, é uma das principais estratégias de sobrevivência destrutiva do capital agonizante. O processo de trabalho desencadeado pelas marisqueiras de Porto do Mato é expressão do cenário que acabamos de pontuar.

2.1.1 - Atividades desenvolvidas pelas marisqueiras

O trabalho que as marisqueiras desenvolvem em Porto do Mato se inicia no mangue, quando é realizada a captura das espécies, e se estende até as suas residências, onde o beneficiamento dos mariscos é feito. A pesquisa nos mostra que praticamente a totalidade das entrevistadas estão envolvidas nas duas atividades: 100% respondeu que trabalha na captura e 98% no beneficiamento.

Os dias da semana e as horas que dedicam à captura variam segundo as condições da maré e a estação do ano. No verão, a demanda por mariscos aumenta. Não obstante este aspecto sazonal, em média, 66,7% das marisqueiras utilizam de 03 a 05 dias da

⁴ “O conhecimento humano em seu conjunto integra-se na dupla e infinita tarefa do homem de transformar a natureza exterior e sua própria natureza” (VÁZQUEZ, 1990, p. 192).

⁵ “um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza” (MARX, 2008, p. 211).

semana para capturar as espécies e outras 26,7% usam de 06 a 07 dias. Este é realmente o meio de sobrevivência dessas trabalhadoras e de suas famílias; um meio que remonta à antiguidade, desde quando a pesca constitui uma importante fonte de alimentos. Para conseguir uma quantidade satisfatória de mariscos a maioria das marisqueiras (78,3%) dedica de 05 a 08 horas de trabalho diário apenas à captura do produto. E o resultado é a captura das seguintes espécies:

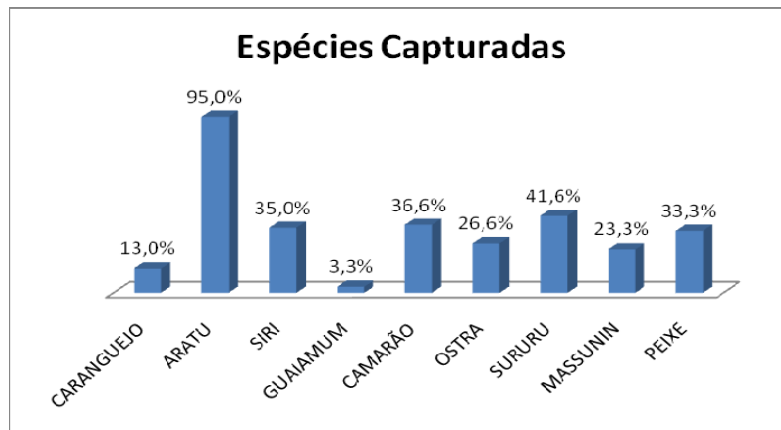


Gráfico 1: Espécies Capturadas

O aratu é o marisco que aparece com maior frequência, por sua abundância na região. Contudo, outras espécies também têm lugar significativo na captura dos mariscos, como indica a tabela acima. O caranguejo, assim como o aratu, são bastante encontrados nos manguezais. No entanto, a sua captura é uma atividade masculina, poucas marisqueiras afirmaram capturar esta espécie. A justificativa dada por elas resume-se ao esforço necessário para a captura do caranguejo, já que, para tanto, é necessário que o corpo fique quase que totalmente submerso na lama do mangue. “*Caranguejo é coisa para homem*”, afirmou uma marisqueira. Em contrapartida, nas conversas durante as entrevistas, especulou-se um pouco mais e as marisqueiras afirmaram que o valor do caranguejo é superior ao do aratu e não necessita, a priori, de beneficiamento. Talvez esses também sejam alguns dos motivos pelos quais a captura do caranguejo seja uma “atividade masculina”.

A pesca é um “território demarcado” pelos homens. As marisqueiras encontram-se restritas ao trabalho com espécies de menor valor no mercado, que necessitam de beneficiamento, fator decisivo para a extensão da sua jornada de trabalho. Sobre isto disse uma das marisqueiras: “*Ser pescador é mais fácil do que pescadora, eles não têm tanta dificuldade como nós*”.

A desvalorização do trabalho da mulher na pesca é apontado por Silva *et all* (2008, p. 41), dentre outros fatores, como resultado da relação hierarquizada entre os gêneros nas próprias comunidades pesqueiras, que vêem apenas os homens como pessoas ligadas à pesca. Ainda segundo Silva *et all* (2008):

Homens e mulheres têm papéis bem delimitados na divisão sexual do trabalho dentro de uma comunidade pesqueira. Aos homens cabe o dever de garantir o sustento da casa indo ao mar, enquanto que às mulheres fica reservado o espaço da coleta de mariscos, moluscos, algas, camarão e coisas que se pode pegar na beira de praias, lagos e rios, ou seja, o extrativismo em geral (SILVA, 2008, p. 39).

Nas conversas sobre a captura das espécies, três registros chamaram atenção por denunciarem quão insalubre é o ambiente de trabalho das marisqueiras: 1) para pescar o camarão as marisqueiras entram na maré, permanecem na posição de cócoras e, com a água na altura do pescoço, abrem as mãos submersas, tateando a superfície do mangue à espera do camarão. Quando identificam algo, apanham e só depois verificam se é ou não a tal espécie; 2) Para captura de moluscos bivalves⁶, ficam expostas ao ataque de um pequeno peixe chamado por elas de “miquin”, ocasionando reações térmicas, inchaços no local da mordida e até mesmo desmaios. “*Se não cuidar o dedo pode ficar aleijado*”, expôs uma das entrevistadas; 3) Para a pesca do aratu as marisqueiras sobem num galho da vegetação do mangue, portando uma vara. Para as marisqueiras, entoar canções ajuda na captura: “*as músicas chamam o aratu*”, explicou uma delas. Ficam imóveis para não “espantar” o crustáceo, sem poder, ao menos, afastar os mosquitos e moscas, comuns nas áreas de mangue. Para suportar a presença dos insetos, as marisqueiras passam querosene pelo corpo como repelente. Um tipo de incenso também é usado, provocando diversas queimaduras nas marisqueiras que o utilizam.

Esses relatos demonstram alguns dos riscos aos quais estão expostas as mulheres que trabalham com a mariscagem, retratando as perigosas e aviltantes condições de trabalho deste grupo social. O beneficiamento é mais uma atividade que compõe o processo de trabalho das marisqueiras. Todas as espécies capturadas são beneficiadas. A próxima tabela indica deste dado.

⁶ Moluscos totalmente confinados e presos a um par de conchas. Ex. Sururu e massunim.

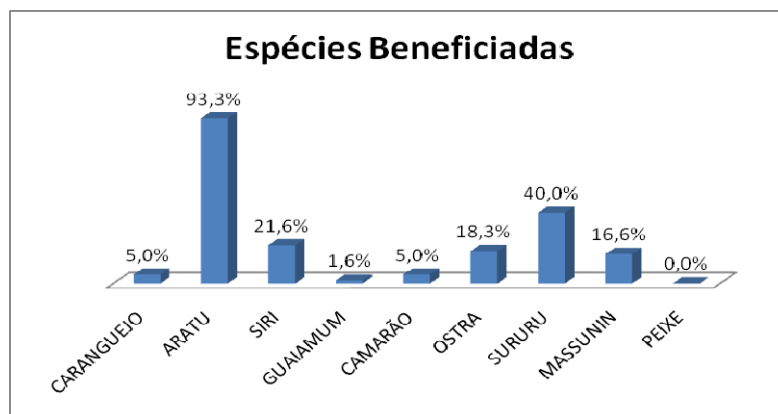


Gráfico 2: Espécies Beneficiadas

Como já apontado anteriormente, o aratu é o marisco em destaque na comunidade Porto do Mato. É também aquele que demanda maior tempo para o beneficiamento: tanto por ser o marisco capturado em maior quantidade, quanto por suas características físicas. O aratu possui patas (assim popularmente chamadas) bastante finas⁷, demandando um trabalho minucioso e delicado para a retirada da “carne”. Sobre esse processo Martins (2008), nos fala:

O processo de extração da carne produz ferimentos perfurocortantes, que podem até levar à perda das digitais. As mãos (...), em períodos de longas jornadas de trabalho ficam inchadas e sangram (MARTINS, 2008, p. 73).

Para o beneficiamento desta espécie, as marisqueiras cozinham o marisco em fogo artesanal (feito com palha de coqueiro ou lenha). Após o cozimento, elas retiram a “carne” de cada parte do aratu com a ajuda das mãos. Este trabalho impõe às marisqueiras muitas horas de trabalho para a conclusão do beneficiamento desta espécie. Vejamos o gráfico que indica as horas dedicadas apenas à atividade de beneficiamento:

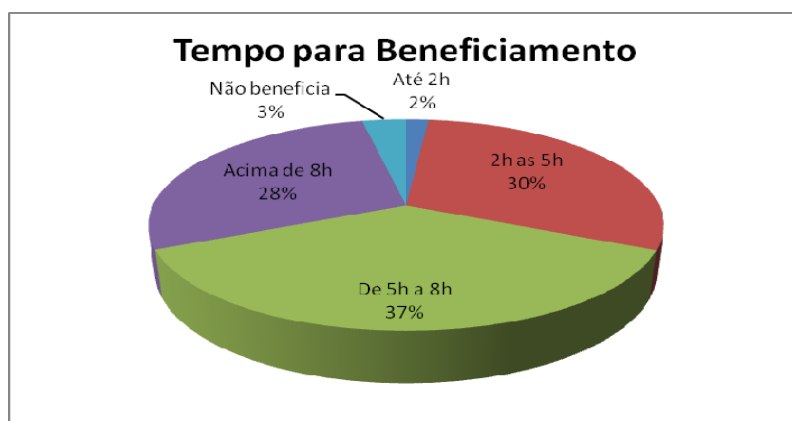


Gráfico 3: Tempo de Beneficiamento

⁷ O aratu assemelha-se a um caranguejo, numa versão menor.

As marisqueiras realizam o beneficiamento do aratu no mesmo dia em que o capturam, totalizando uma jornada de trabalho que pode chegar a cansativas 16 horas por dia, a depender da quantidade que conseguem capturar. Marx (1983) fala sobre o tempo que o trabalhador dedica à sua atividade laboral:

(...) o tempo que dispõe para vender a sua força de trabalho é o tempo em que é forçado a vendê-la, de que, em verdade, o seu explorador não o deixa “enquanto houver ainda um músculo, um tendão, uma gota de sangue para explorar (p. 238).

O processo de beneficiamento, ou, como dizem as próprias marisqueiras, “catar” os mariscos, é realizado sob as condições que estas trabalhadoras têm para realizar esta atividade. Não existe um local comum para as marisqueiras catarem os mariscos. O trabalho das mulheres no beneficiamento é realizado em suas próprias casas, subsidiado por vizinhas ou membros da família como cônjuge e filhos⁸, naquele lugar que, no momento, seja conveniente: no chão de casa, na calçada, no quintal, bem próximo de animais domésticos e de insetos que aparecem em grande quantidade.

Submetidas a estas péssimas condições de trabalho, as marisqueiras estão expostas a doenças que foram relacionadas por elas mesmas, em 61,7% dos casos, ao trabalho que realizam. Os problemas de saúde mais citados caracterizam-se como doenças ocupacionais. É o que nos mostra o gráfico:

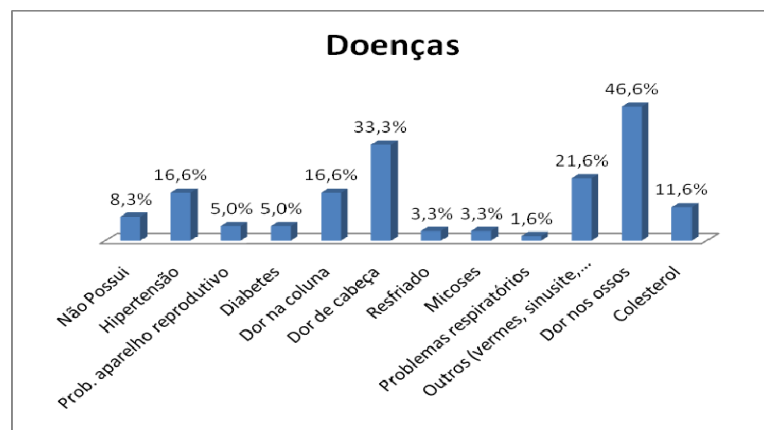


Gráfico 4: Doenças

As duas atividades (captura e beneficiamento) caracterizam o nível de insalubridade, periculosidade e precarização do trabalho das marisqueiras. Demonstra-se, assim, as aviltantes e desumanas condições de trabalho das mulheres que encontram nos manguezais as formas de sobrevivência de si e suas famílias. Trata-se de um trabalho sem qualquer proteção e quase invisível. O traço de gênero contribui ainda mais para sua

⁸ Essa cooperação se altera de acordo com a disponibilidade dos membros envolvidos no beneficiamento dos mariscos.

inexpressividade social e traz o desafio da resposta pública a este segmento da cadeia produtiva da pesca artesanal.

3. COMERCIALIZAÇÃO

As marisqueiras vendem o produto de seu trabalho tanto aos cambistas quanto aos consumidores em geral (turistas, moradores ou proprietários de bares do povoado, feiras-livres, etc.). No entanto, a venda direta ao consumidor é feita raramente, ainda que o valor seja maior se comparado ao obtido na venda ao cambista. Este é mesmo o comprador contumaz dos mariscos, muito embora a venda não seja realizada exclusivamente a este comprador, assim como mostra o quadro abaixo:

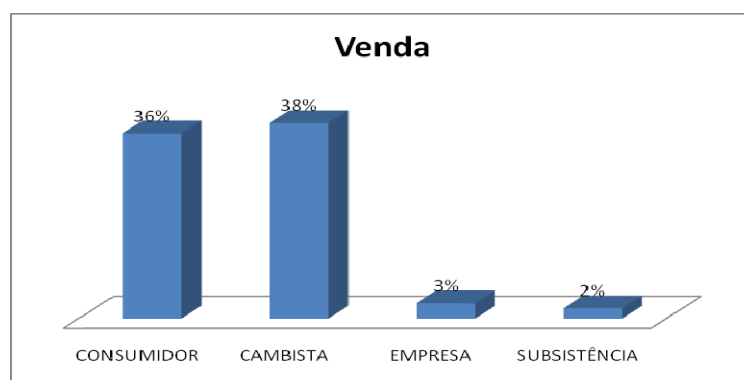


Gráfico 5: Venda

A presença deste “atravessador” acentua a exploração do trabalho das marisqueiras, uma vez que, o valor de troca estabelecido na relação marisqueira-cambista não expressa o real valor do trabalho de mariscagem, ou seja, não é compatível ao tempo de trabalho dedicado tanto à captura quanto ao beneficiamento dos mariscos. Aqui se mostra, provavelmente, uma extração de mais-valia absoluta, dada pela extensão da jornada de trabalho e por amplo *quantum* de trabalho não-pago. Para além da exploração do mais valor produzido pelo trabalho, dá-se a superexploração do valor do trabalho.

Em média, as marisqueiras arrecadam com o seu trabalho entre R\$ 50 e R\$ 60 por semana. Esta quantia varia segundo as condições da maré e a demanda dos compradores. Em 66,7% dos casos as entrevistadas afirmaram que o trabalho na mariscagem se traduz, com já indicando, como a principal fonte de renda da família. O dado indica que esta é a principal fonte de renda, mas não a maior. Em muitos casos, o trabalho do companheiro/marido rende mais. Porém, seus frutos não são dedicados por inteiro às necessidades da família, recaindo sobre a renda da mulher o ônus da sobrevivência familiar.

Este é mais um traço de gênero presente nas condições de vida e trabalho das marisqueiras.

Por se converter num trabalho extremamente cansativo e de pouca rentabilidade, 45% das marisqueiras realizam outra atividade remunerada, como alternativa à “vida no mangue”. Contudo, estes trabalhos se realizam esporadicamente e se intensificam na estação do verão, época do ano em que o povoado recebe muitos turistas. Neste período, o trabalho doméstico é bastante procurado e algumas marisqueiras substituem a mariscagem pelo trabalho nas casas de veraneio ou em bares da região.

Outras seguem num movimento contrário: preferem às condições de trabalho da mariscagem à “humilhação” a que são submetidas pelos patrões. Nestes outros trabalhos, elas acreditam perder a “autonomia” que têm na mariscagem. Disse-nos uma delas: “*é melhor a maré do que agüentar grito de patroa*”.

Segundo alguns depoimentos, as pescadoras gostam do trabalho que realizam na mariscagem. É o que elas sabem fazer e se orgulham disso. Esse dado merece nossa atenção e será objeto de reflexões ulteriores. A questão que impulsiona a busca por outras saídas para a sua sobrevivência e de suas famílias são as condições em que o processo de trabalho da mariscagem se realiza e, principalmente, a baixa rentabilidade da atividade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já diagnosticado desde as observações feitas no povoado Porto do Mato, os dados expostos apresentaram, em todos os aspectos elencados, as precárias condições de trabalho, a exposição exacerbada à exploração e às doenças ocupacionais, a intensa jornada de trabalho, à baixa remuneração, e, conseqüentemente, as péssimas condições de vida. Martins (2008) assevera:

O trabalho feminino na pesca artesanal é bastante desvalorizado no Brasil, tanto pelas questões ligadas ao gênero como pela de ordem estrutural, de proteção ao trabalho feminino, política de financiamentos, geração de emprego e renda (...). (p. 73).

E aponta ainda para possíveis estratégias de enfrentamento:

A necessidade de enfrentamento dos problemas na ordem das políticas ambientais e educacionais para os grupos de trabalhadores na pesca é na verdade uma marca histórica no Brasil. São necessárias ações que apostem no conhecimento crítico e inclusivo, que articule sociedade, natureza, homem e cultura (MARTINS, 2008, p. 77).

Esse ensaio expressa elementos que fazem destas trabalhadoras um grupo social, uma comunidade. Contudo, o capitalismo reproduz necessariamente um tipo de sociabilidade marcada pela alienação e pelo individualismo, que não permite aos grupos sociais reconhecer a importância de seu trabalho e, mais ainda, compreender que a

semelhança entre aspectos que envolvem o trabalho e a vida do grupo não se dá por obra do destino: existem causas, conseqüências e possibilidades de mudanças.

5. BIBLIOGRAFIA

LESSA, S. **O processo de produção/reprodução social: trabalho e sociabilidade.** In. Capacitação em Serviço Social e Política Social: Módulo 2: Reprodução social, trabalho e Serviço Social. Brasília: CEAD, 1999.

LOUREIRO, C. F. B. Oficina de Atualização de conceitos: Educação Ambiental no Processo de Gestão In **Educação Ambiental no Licenciamento: Aspectos Legais e Teórico-Metodológicos.** Maio/2009.

MARTINS, Maria Cristina. **Práticas de trabalho e produção de saberes no cotidiano de mulheres pescadoras.** Sísifo. Revista de Ciências da Educação. Nº. 6, p. 71-84. Maio/Ago: 2008.

MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política.** v. 1. Coleção Os Economistas. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. **O Capital: Crítica da Economia Política.** 25ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SILVA, D. C. S., BEZERRA, I. R. e SANTOS, K. F. **Mulheres do Mar: Um estudo sobre as relações de gênero e o trabalho feminino na pesca artesanal de Suape – Pernambuco.** Recife, 2008.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **O que é a práxis.** In. Filosofia da Práxis. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.